

## O PROTAGONISMO NO FOLCLORE DO NEGRO E A LUTA DE CLASSES SEGUNDO ÉDISON CARNEIRO (1947-1972)

Protagonism in black folklore and the class struggle according to Édison Carneiro (1947-1972)

Protagonismo en el folklore negro y la lucha de clases según Édison Carneiro (1947-1972)

Elaine Ferreira<sup>1</sup>

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3849-6227>

### RESUMO

Este artigo visou a uma reflexão sobre como, Édison de Souza Carneiro, a partir de suas convicções intelectuais marxistas, concebeu, pela via do folclore do negro, um lugar de protagonismo dessa tradição em sua proposta de identidade nacional. A nossa hipótese é a de que, mesmo entendendo que havia uma luta de classes no folclore do negro, este era o protagonista nas obras desse escritor. O nosso recorte temporal abrange os anos de 1947 até 1972. Tomamos, especialmente, o seu livro *A Sabedoria Popular* como fonte, entre outras produções, e, por meio da redução na escala de análise desses escritos, foi possível identificar a luta de classes e o protagonismo na concepção que o autor manteve de folclore do negro.

**Palavras-chave:** Édison Carneiro; luta de classes; folclore do negro; identidade nacional; protagonismo negro.

### ABSTRACT

This article aimed to reflect on how Édison de Souza Carneiro, based on his Marxist intellectual convictions, conceived, through black folklore, a place of protagonism for this tradition in his proposal for national identity. Our hypothesis is that, even understanding that there was a class struggle in black folklore, this was the protagonist in this writer's works. Our time frame covers the years 1947, until 1972. We take, in particular, his book *A Sabedoria Popular* as a source, among other productions, and through By reducing the scale of analysis of these writings, it was possible to identify the class struggle and the protagonism in the author's conception of black folklore.

---

<sup>1</sup> Doutora em História Social pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Mestre em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Museologia e Patrimônio pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Pós-graduada em História do Brasil pela Universidade Cândido Mendes. Bacharel e licenciada em história pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: elaine1983ventura@yahoo.com

**Keywords:** Édison Carneiro; class struggle; black folklore; national identity; black protagonism.

## RESUMEN

Este artículo tuvo como objetivo reflexionar sobre cómo Édison de Souza Carneiro, a partir de sus convicciones intelectuales marxistas, concibió, a través del folclore negro, un lugar de protagonismo para esta tradición en su propuesta de identidad nacional. Nuestra hipótesis es que, aun entendiendo que existía una lucha de clases en el folclore negro, este fue el protagonista en las obras de este escritor. Nuestro marco temporal abarca los años 1947, hasta 1972. Tomamos como fuente, en particular, su libro *A Sabedoria Popular*, entre otras producciones, y a través de *Al reducir A través de la escala de análisis* de estos escritos, fue posible identificar la lucha de clases y el protagonismo en la concepción del autor sobre el folclore negro.

**Palabras clave:** Édison Carneiro; lucha de clase; folclore negro; identidad nacional; Protagonismo negro.

## Introdução

Em notas críticas sobre Édison de Souza Carneiro, Alves Ribeiro, intelectual de seu tempo, assim se referiu àquele autor e pesquisador: “um dos guias da sua geração e um “*leader*” das reivindicações da raça negra no Brasil”.<sup>2</sup> Édison Carneiro pensador de origem negra nasceu em 12 de agosto de 1912, na Bahia, onde se formou em Direito no ano de 1935 e residiu até 1939, quando veio para o Rio de Janeiro. Desde os 16 anos ele exerceu atividades como escritor, publicou crônicas, artigos e participou de um movimento cultural de índole renovadora, a *Academia dos Rebeldes*, que, na verdade, reunia autores admiradores do marxismo. Nessa época fez amizade com Jorge Amado (que o apelidou de o jovem feiticeiro<sup>3</sup>, por ser simpatizante dos cultos afro-brasileiros), com Áydano do Couto Ferraz, com João Cordeiro e outros autores, e passou a escrever, também, obras literárias.

Além de se envolver com os literatos de seu tempo, Carneiro foi um intelectual apaixonado pelas festas populares. Participou do Primeiro Congresso Afro-brasileiro que aconteceu em Recife, no ano de (1934); três anos depois, em 1937, coordenou o Segundo Congresso Afro-brasileiro que ocorreu na Bahia. Nesse Congresso que esteve sob sua liderança, fortaleceu suas relações com pais e mães de santo e chamou o babalaô Martiniano Eliseu do Bonfim para ser o presidente de honra naquele momento. Após esse evento, Carneiro fundou a União das Seitas Afro-brasileiras da Bahia e naquele tempo recebeu o reconhecimento de outras intelectualidades, tendo sido considerado, desde então, uma autoridade em assuntos referentes ao negro,

---

<sup>2</sup>OLIVEIRA, Waldir Freitas. LIMA, Vivaldo da Costa. RIBEIRO, Alves. Opiniões da Crítica Nacional sobre Édison Carneiro. In: LIMA, Vivaldo da Costa; OLIVEIRA, Waldir Freitas de (org.). **Cartas de Édison Carneiro para Arthur Ramos**. São Paulo: Corrupio, 1987, p. 162.

<sup>3</sup>O JOVEM FEITICEIRO. Jorge Amado. Pasta Folcloristas/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

conforme disse Gilberto Freyre: “o escriptor Édison Carneiro, um dos nossos africanistas mais inteligentes”.<sup>4</sup>

Dotado de uma erudição e interesse pelas questões sociais que marcavam a vida do negro brasileiro, Carneiro foi autor de inúmeros trabalhos sobre o assunto como: *A situação do negro no Brasil* (1934), publicado no Primeiro Congresso Afro-Brasileiro; *Religiões Negras* (1936) e *Negros Bantos* (1937). Publicou, ainda, matérias em jornais como *O Estado da Bahia*, quando foi redator, denunciando a perseguição policial aos candomblés baianos; escreveu *Candomblés da Bahia* (1947), em cuja primeira edição expôs a violência do Estado às religiões afro-brasileiras e *Antologia do Negro brasileiro* (1951). Redigiu a *Carta do Samba*, em 1962, quando foi diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro<sup>5</sup> estabeleceu vínculos de amizade com os sambistas cariocas. E no carnaval de 1960, a Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro sacudiu a Avenida Rio Branco, cantando: “no tempo em que o Brasil ainda era um simples país colonial Pernambuco foi o palco de uma história que contamos neste carnaval... Era o tema Quilombo dos Palmares”<sup>6</sup>, baseado no livro do folclorista Édison Carneiro que foi autor de inúmeras outras obras.

Carneiro firmou relações com diferentes nomes como Arthur Ramos, Heloísa Alberto Torres, Ruth Landes, Gilberto Freyre, entre outras personalidades. Ao refletir sobre a história da antropologia brasileira, Marisa Corrêa reconheceu a importância de Édison Carneiro para aquele momento, pois ele tinha um contato direto com os pais de santo, e naqueles anos de 1930 foi um mediador entre uma intelectualidade em ascensão e os praticantes das religiões afro-brasileiras. Para a autora, naquele momento a antropologia brasileira era uma ciência que legitimava o que os outros pensavam sobre nós. A história da antropologia, segundo Corrêa, nasceu pelo fato de seu objeto ser o estudo do outro, daqueles “estranhos” à cultura europeia (Corrêa, 1988, p. 01).

Para Corrêa, embora Carneiro tenha tido um papel central na formação da antropologia brasileira, diferente dos pesquisadores que ele auxiliava, não foi ocupante

---

<sup>4</sup>OLIVEIRA, Waldir Freitas. LIMA, Vivaldo da Costa. FREYRE, Gilberto. Opiniões da Crítica Nacional sobre Édison Carneiro. In: LIMA, Vivaldo da Costa; OLIVEIRA, Waldir Freitas de (org.). **Cartas de Édison Carneiro para Arthur Ramos**. São Paulo: Corrupio, 1987, p. 162.

<sup>5</sup>Ver: *ATA DE INSTALAÇÃO* da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 05 de fevereiro de 1958. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro. Às dezessete horas e trinta minutos do dia vinte seis de agosto de mil novecentos e cinquenta e oito, no Salão nobre do Palácio da Educação, foi solenemente instalada, pelo Senhor Ministro da Educação e Cultura, Professor Clóvis Salgado, a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, instituída pelo decreto de número 43.178 de 05 de fevereiro de 1958 com a posse de membros do Conselho Técnico do folclore órgão dirigente daquela Campanha, designados por portarias ministeriais publicadas no Diário Oficial de cinco de agosto de mil novecentos e cinquenta e oito, a saber: Mozart de Araújo, membro e diretor executivo da Campanha, Renato Almeida, membro nato, na qualidade de Secretário Geral da Comissão Nacional de Folclore, Manoel Diégues Júnior, este ausente por doença, Édison Carneiro e Joaquim Ribeiro.

<sup>6</sup>FOLCLORISTA ÉDISON CARNEIRO SERÁ O ORADOR OFICIAL DO DIA NACIONAL DO SAMBA. **O Estado de São Paulo**. Cidade de Santos, 18 de novembro de 1972. Pasta Folclorista/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

de uma cátedra na universidade e não recebeu o reconhecimento na história do pensamento intelectual brasileiro. Para a autora, “o fotografado [Édison Carneiro] nunca teve um posto acadêmico, apesar (ou talvez por causa) de sua luta política pelos direitos dos negros e das associações religiosas de origem africana em Salvador.” (Corrêa, 1988, p. 3).

Segundo Ana Carolina Nascimento, as relações étnico-raciais se configuraram como objeto da antropologia, no Brasil, desde a década de 1930, por meio das ações de Carneiro. De acordo com ela, esse pesquisador deve ser considerado um mediador, pois a partir de suas investigações foi possível o fortalecimento dos estudos raciais destacando-se o universo afro-religioso. Ao se apresentar como um etnógrafo, Carneiro se colocou no universo intelectual de seu tempo, dialogando com Arthur Ramos e integrando uma rede complexa de relações intelectuais (Nascimento, 2010, p. 50).

Édison Carneiro, embora não tenha ocupado uma cátedra na academia, agenciou as temáticas afro-brasileiras com pesquisadores estrangeiros e nacionais, com a intenção de chamar a atenção para a situação do negro no Brasil, pois naquele período os candomblés eram duramente perseguidos pelo Estado. Foi através das mediações de Carneiro que a antropóloga americana Ruth Landes escreveu o livro, *A Cidade das Mulheres* (1947), enfatizando os candomblés baianos dirigidos por mães de santo. Conforme observado por Peter Fry, a obra dessa antropóloga abriu um caminho importante para que os candomblés passassem a ocupar um espaço nas pesquisas acadêmicas (Fry, 2019, p. 03).

Édison Carneiro tem sido um intelectual estudado, no campo das Ciências Sociais, por suas contribuições às temáticas étnico-raciais e das religiões de matrizes africanas. Os principais trabalhos, como veremos ainda neste texto, debruçaram o seu olhar para as convicções políticas do autor que era marxista. Contudo, acreditamos que Carneiro ainda não foi investigado como merece ser, pela complexidade de seus pensamentos. A indagação que perpassou a construção deste texto foi como Carneiro, através do conceito de lutas de classes no folclore, identificou que o folclore do negro era protagonista na história nacional? Para responder a essa pergunta reduzimos a escala de análise e tomamos a sua obra, *A Sabedoria Popular*, e suas matérias em jornais, como fonte para compreendermos o que aquele estudioso tinha de singular.

Consideramos que é preciso ampliar o debate sobre a trajetória de Édison Carneiro no pensamento intelectual, pois ele tem um papel importante nos estudos sobre o negro e a cultura negra no Brasil; destacadamente o olhar para o protagonismo negro, em suas obras. Merece, também, uma reflexão sobre as intenções de suas articulações como um intelectual negro no mundo dos brancos. São elementos que procuraremos mostrar neste texto, conquanto não pretendamos esgotar nossa análise sobre esse pensador. O artigo está dividido em duas seções: primeiramente refletiremos sobre como Édison Carneiro, a partir do marxismo, estruturou uma linha explicativa do folclore e o folclore do negro. Em seguida investigaremos o protagonismo na sua interpretação do folclore do negro.

## Édison Carneiro, Um “Mestre Antigo”

O título acima é de uma matéria publicada em *A Tarde*, por Áydano do Couto Ferraz, após o falecimento de Carneiro, em dezembro de 1972. A matéria é uma homenagem ao estudioso pelo seu legado intelectual, pois, para Ferraz, “Édison Carneiro é uma das figuras mais significativas de sua geração”.<sup>7</sup> Filho de uma família de classe média da Bahia, Carneiro, desde cedo, circulava no mundo das elites e tinha acesso a uma vasta literatura; era um erudito.

Aprendeu com seu pai a olhar para os grupos oprimidos. Em 1933, seu progenitor, Joaquim de Souza Carneiro, escreveu dois romances polêmicos para o seu tempo - *Furundungo* e *Meu menino* -, nos quais os personagens principais eram negros, em discordância com o padrão da época. Acreditamos que Souza Carneiro teve um papel importante na formação de seus sete filhos: Nelson Carneiro (senador); Franklin Carneiro (juiz); Milton Carneiro (engenheiro); Édison Carneiro (advogado e jornalista); Ivan Carneiro (professor de agronomia); Mirian Estela e Carmem Lília (professoras)<sup>8</sup>. Joaquim de Souza Carneiro foi autor de obras, como: *Comunismo*, *Nacionalismo* e *Idealismo*, livros nos quais elogiou a Revolução Mexicana, indicando que era um admirador do marxismo.<sup>9</sup>

Os primeiros e segundos congressos afro-brasileiros foram eventos importantes, pois marcaram o interesse de Édison Carneiro para a questão do negro, no Brasil, e as denúncias que fez em relação às desigualdades vivenciadas por esses segmentos. Essa sua estima por tais temas advinham não só da influência de seu pai, mas do seu alinhamento com o pensamento marxista, como dito pelo próprio autor:

Não sei como vai ser. Mandei ao Jorge Amado um projeto de esquema, já agora modificado. O livro terá dez capítulos, uma introdução, vários apêndices (inclusive sobre criminalidade negra, estudo que o velho Nina deixou incompleto – com estatísticas da Bahia. Vou fazer o possível para não citar o velho Marx.<sup>10</sup>

Esse trecho é parte de uma carta enviada por Édison Carneiro a Arthur Ramos, em 1936, na qual falava sobre o seu desejo de escrever um livro acerca do negro.

---

<sup>7</sup>ÉDISON CARNEIRO UM MESTRE ANTIGO. Áydano do Couto Ferraz. Pasta Folcloristas/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>8</sup>SEPULTADO ONTEM ÉDISON CARNEIRO. **A Notícia**, Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1972. Pasta Folcloristas/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>9</sup>OLIVEIRA, Waldir Freitas. LIMA, Vivaldo da Costa. Estudos africanistas na Bahia dos anos 30. In: LIMA, Vivaldo da Costa; OLIVEIRA, Waldir Freitas de (org.). **Cartas de Édison Carneiro para Arthur Ramos**. São Paulo: Corrupio, 1987, p. 25 e 26.

<sup>10</sup>OLIVEIRA, Waldir Freitas. LIMA, Vivaldo da Costa. Estudos africanistas na Bahia dos anos 30. In: LIMA, Vivaldo da Costa; OLIVEIRA, Waldir Freitas de (org.). **Cartas de Édison Carneiro para Arthur Ramos**. São Paulo: Corrupio, 1987, p. 79.

Embora tenha mencionado que iria dar continuidade ao que não foi terminado por Nina Rodrigues<sup>11</sup>, ele prosseguiria com os estudos sobre o negro, mas rejeitando as teorias racistas do campo científico, defendidas por Rodrigues. Carneiro afirmou que seguiria uma linha explicativa própria, o marxismo, ainda que sem citar, conforme afirmou, o velho Marx. Para Luiz Gustavo Freitas Rossi, a admiração de Édison Carneiro pelo marxismo e a sua relação com a juventude da **Academia dos Rebeldes da Bahia** é um elemento que marca suas interpretações sobre os candomblés baianos e seus estudos das relações étnico-raciais. Édison Carneiro vê a crise das oligarquias do Nordeste, questiona a nova ordem ascendente - o autoritarismo de Vargas - e busca reorientar suas convicções intelectuais, conforme afirmado por Luiz Gustavo Rossi.

À medida que Carneiro ampliava o seu contato com o pensamento marxista, envolvia-se com a intelectualidade de seu tempo, estudava os candomblés, o negro, e a questão da classe ia se redefinindo em seu pensamento. Inspirado pelo marxismo Carneiro começou a fazer leituras sociais sobre a realidade que examinava, interpretando-a à luz das lutas de classes, denunciando as opressões. Não foi por acaso que naquele cenário dos anos de 1930 foi perseguido por Getúlio Vargas, durante o Estado Novo.

A imagem a seguir, desenhada por Tomás Santa Rosa para o 2º Congresso Afro-Brasileiro, reforça o nosso entendimento do lugar do negro nas obras de Édison Carneiro:

**Figura: 1**– Imagem confeccionada para o 2º Congresso afro-brasileiro da Bahia



---

<sup>11</sup>Nina Rodrigues foi o primeiro intelectual a estudar os cultos afro-brasileiros no final do século XIX. Médico, nascido no Maranhão Rodrigues se apropriou das teorias racistas de seu tempo para construir conhecimento sobre as religiões de matrizes africanas no Brasil.

Fonte: OLIVEIRA, Waldir Freitas. LIMA, Vivaldo da Costa.  
Cartas de Édison Carneiro para Arthur Ramos. São Paulo:  
Corrupio, 1987, p.134.

Essa gravura foi desenhada a pedido de Édison Carneiro e Arthur Ramos para o evento do qual foi liderança. Segundo Rossi, Carneiro, ao se colocar como um estudioso dos candomblés exerceu a função de mediador entre os oprimidos e as elites intelectuais da Bahia. Ao mesmo tempo em que buscava legitimar um objeto de pesquisa - as religiões negras e o negro, Carneiro aspirava a um espaço no campo intelectual. O marxismo deu-lhe a chave para a construção de uma visão própria sobre a questão racial e os estudos das religiões de matrizes africanas. O pesquisador fez uma leitura por meio da qual questionava as desigualdades sociais e as suas obras servem como um instrumento de denúncia à situação do negro, em um determinado momento, pois, para Rossi:

Em particular, ao tentar estabelecer uma ponte entre análise cultural e materialismo histórico, Carneiro mantém uma forte tendência a tratar a evolução das raças como linhas paralelas e desiguais no tempo, tal como fizera Nina Rodrigues. Contudo, se para o médico maranhense esta evolução estava determinada por razões de ordem racial, para o jornalista baiano o ponto chave residia na "desigualdade de desenvolvimento econômico", condicionada pelas "possibilidades técnicas da raça no momento histórico" em que ela se encontrava (Rossi, 2011, p. 146).

Em 1947 foi criada a Comissão Nacional de Folclore junto à Unesco, dentro do Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura - IBCEC. A partir daquele momento, foi formada uma rede de pesquisadores do folclore engajados em uma ação de salvaguarda das culturas populares, que, segundo eles, estavam em vias de desaparecimento. Édison Carneiro integrou esse movimento e construiu uma visão própria de pensamento, utilizando o marxismo como linha explicativa até mesmo em seus estudos de folclore. Em 1961 foi publicado o livro de sua autoria *Dinâmica do folclore*, quando atuava como diretor da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Nessa obra, o pesquisador concebeu uma visão sobre o folclore e, em grande parte dela, percebemos a configuração da cultura negra como objeto do folclore, destacando-se as seguintes práticas: o bumba-meu-boi, as congadas, a capoeira de Angola, todas de matrizes africanas.

Nesse livro, Carneiro realizou, inicialmente, uma reflexão conceitual do folclore apresentando-nos uma abordagem sobre a ótica dos conflitos. Criticou interpretações clássicas que viram o folclore como estático. Ele defendeu a tese de que o folclore se transformava. Para ele, ainda havia uma noção de temporalidade no folclore movido pelo passado, presente e futuro, elemento basilar para a própria capacidade do folclore

de se modificar: “assim o folclore planta as suas raízes no passado imemorial da humanidade e se projeta como a voz do presente e do futuro”.<sup>12</sup>

No livro, Carneiro dialogou com antropólogos como Ruth Benedict e ainda realizou um balanço crítico dos principais autores que interpretaram o folclore como prisioneiro do passado. Desse modo, vemos que Carneiro trouxe uma nova forma de ver o folclore, rompendo com a visão de ser algo estático e reconhecendo as relações de forças na interpretação dessa manifestação cultural. Essa interpretação de que o folclore é algo morto, para Carneiro, ocorria pelo desconhecimento da dialética social: “se esta indagação não lhes ocorre, podemos atribuir este fato a duas causas principais – o desconhecimento da maneira por que funciona a sociedade em que vivemos e, em consequência, o desconhecimento da dialética social”.<sup>13</sup>

Para Carneiro, o folclore só poderia ser compreendido no diálogo entre as seguintes estruturas: a economia, a política e a sociedade, pois não o desconectou do contexto social. O folclore é transformado conforme a dinâmica da sociedade e embora fizesse parte da superestrutura social ele estava na base das hierarquias. Nesse ponto, ressaltou os conflitos nas práticas rituais: “ora, as funções sociais que preenchem o folclore são a negação mais cabal da passividade com que o caracterizam os tratadistas”.<sup>14</sup> Carneiro criticou as leituras tradicionais e conservadoras de que o folclore havia sido dominado e preso ao passado. E, refletindo sobre como o especialista francês André Varagnac interpretou o folclore, afirmou Édison Carneiro: “Varagnac na realidade transforma o folclore nas *antiquités populaires* tão do gosto da escola francesa da primeira hora”.<sup>15</sup>

Ao falar sobre o folclore do negro brasileiro, Carneiro enfatizou as congadas, capoeiras, pernada carioca e o bumba-meu-boi, configurando, desse modo, a cultura negra como objeto da operação do folclorista. O argumento levantado por ele consiste na defesa de que o folclore se transforma, é dinâmico, atual, e em seu interior há conflitos. É no folclore que o povo se torna protagonista na sociedade em que vive: “podemos dizer que, através do folclore o povo se faz presente na sociedade, se afirma no âmbito da superestrutura ideológica - e nela encontra a sua tribuna”.<sup>16</sup>

Nos estudos tradicionais sobre o folclore este é prisioneiro do passado, mas também representa os sujeitos historicamente excluídos. No caso brasileiro, indígenas e negros, por não pertencerem ao universo de uma classe considerada erudita, a das elites, foram por elas considerados portadores de uma cultura chamada folclore. Essa tradição intelectual foi objeto de autores mais antigos como Mário de Andrade, o qual considera que a integração do negro à cultura brasileira se deu pela via do folclore, e o que se buscava era reconhecer a importância dele em nossa formação nacional. Nesse sentido, as contribuições do negro à brasilidade foram reduzidas ao campo da cultura e dela o negro não conseguia sair. Criado pelas elites para classificar o que seria

---

<sup>12</sup>CARNEIRO, Édison. **Dinâmica do Folclore**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 04.

<sup>13</sup>CARNEIRO, Édison. **Dinâmica do Folclore**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 08-09.

<sup>14</sup>CARNEIRO, Édison. **Dinâmica do Folclore**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 09.

<sup>15</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 14.

<sup>16</sup>CARNEIRO, Édison. **Dinâmica do Folclore**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 25.

considerado delas e do povo, segundo Mário de Andrade, o folclore, embora tenha uma importância, foi um saber marginalizado: “em resumo: o Folclore no Brasil, ainda não é verdadeiramente concebido como um processo de conhecimento” (Andrade, 2019. p. 26).

Nos anos de 1980, a intelectual e ativista do movimento negro, Lélia Gonzalez, através de sua obra, *Festas Populares no Brasil*, refletiu sobre a presença africana na formação da cultura popular brasileira. Ela confrontou às narrativas nacionalistas que usavam o mito das três raças para falar sobre a presença da cultura negra no nacional. Para a autora, a cultura de matriz africana é o resultado de um processo de lutas políticas e das experiências que atravessaram o Atlântico. O livro nos fornece uma oportunidade de pensarmos o Brasil através de suas manifestações culturais, por se tratar de algo preciso para entendimento da história da nação (Gonzalez, 2024, p. 30). Em seus anos de produção intelectual Carneiro já entendia a complexidade da cultura negra no Brasil, pois ao estudá-la ofereceu uma interpretação original. Ele se inspirou no marxismo identificando a lutas de classes no folclore. Considerando essa sua originalidade de pensamento, no próximo item buscaremos mostrar como o folclorista concebeu um olhar sobre o folclore do negro quando, por essa via, construía-se uma identidade nacional.

### **O folclore do negro segundo Édison Carneiro: uma história de protagonismo**

Segundo Vagner Gonçalves da Silva, no caso brasileiro, a história da antropologia foi sendo definida por meio de seu objeto, os estudos sobre indígenas e negros. Segundo o autor, o interesse da disciplina por esses grupos resulta da marginalização que perpassa suas histórias. Assim, vemos que os estudos sobre o negro têm suas raízes nos trabalhos do médico Nina Rodrigues, que não era marxista e, no final do século XIX, dedicou - se ao campo das religiões afro-brasileiras. Sob o olhar deste estudioso, o negro e a sua cultura eram estudados com base no paradigma científico e evolucionista da época.

Desde Rodrigues, as religiões afro-brasileiras vêm sendo reconhecidas como algo necessário para se entender a complexidade da experiência da diáspora africana e a própria nação. De acordo com Gonçalves (2002), o paradigma antropológico passou por mudanças e com os estudos do médico Arthur Ramos afere-se a retomada das investigações sobre as religiões negras, agora, convertidas no paradigma da cultura em detrimento da raça que foi transformada em objeto de questionamentos:

A religiosidade afro-brasileira deixou de ser entendida como manifestação da inferioridade dos negros, e por meio dela se criticou o próprio conceito de raça substituindo-o pelo de cultura (Gonçalves, 2002, p. 89).

Édison Carneiro assenta suas produções intelectuais no paradigma da cultura e não no da raça, ainda que tenha sido um estudioso do médico maranhense, Nina Rodrigues. Após a sua morte, Carneiro recebeu homenagens de personalidades do

mundo do samba, folcloristas, familiares, diversas intelectualidades e amigos. Desses, o mais antigo, Waldir Freitas de Oliveira, no jornal *A Tarde*, recordou a trajetória de Carneiro, na ocasião em que o antigo Museu de Folclore, localizado no bairro do Catete, no Rio de Janeiro, passava a ser chamado de Museu de Folclore Édison Carneiro (desde 1976), e disse: "Édison Carneiro tentava obter uma visão própria do fenômeno". "E essa visão foi sendo pouco a pouco construída em livros sucessivos que escreveu".<sup>17</sup> Waldir Freitas de Oliveira, nesse depoimento, estava se referindo às diferenças entre os estudos de Nina Rodrigues e Arthur Ramos sobre as religiões de matrizes africanas. Como apontado por Luiz Gustavo Freitas Rossi, conforme já mencionado aqui, Carneiro refletiu sobre essas práticas religiosas à luz de suas convicções marxistas, saindo das interpretações médicas dedicando a uma análise do social o que o tornou, nesse sentido, original.

Cada obra de Carneiro trata questões específicas do momento de sua produção; portanto, não podemos vê-lo de uma só forma, mas interpretá-lo à luz do contexto de redação de seus trabalhos. Contudo, refletindo sobre parte de sua vasta produção, notamos que a temática do negro e de sua cultura ocupa um lugar de destaque. O livro *A Sabedoria Popular*, que daqui por diante tomaremos como fonte, teve três edições e foi publicado pela primeira vez em 1957. A obra possui uma apresentação e se subdivide em quatro capítulos: "A Sabedoria Popular/Omnibus"; "A Comissão Nacional de Folclore"; "Negros Bantos e o Congresso Internacional de Folclore". De modo geral, toda a obra é perpassada pela temática negra; daremos ênfase à parte que trata do folclore do negro.

Na primeira parte do capítulo, "O folclore do Negro", Édison Carneiro refletiu sobre o desconhecimento intencional que a intelectualidade tinha acerca da história, origens e cultura do negro brasileiro. Assim ele se expressa: "não é de agora este descaso, este desinteresse pelas origens do negro".<sup>18</sup> Diante desse descontentamento, ao longo do texto o pesquisador mostrou as origens geográficas dos povos africanos escravizados, as suas culturas, formas de organização social e costumes. Para reforçar a sua postura de que os negros tinham uma história ancestral, ele ligou o passado ao presente, da seguinte forma:

Neste ponto, é essencial que recorramos à etnologia e à linguística. A primeira destas disciplinas nos dará notícias imprescindíveis sobre as concepções, o estilo de vida, os costumes dos povos que nos interessam. E, com o auxílio da segunda, poderemos encontrar, aqui, os fios perdidos que ligam o negro africano aos seus descendentes brasileiros.<sup>19</sup>

---

<sup>17</sup>ÉDISON CARNEIRO. Waldir Freitas de Oliveira. *A Tarde*, 03 de dezembro de 1976. Pasta Folcloristas/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>18</sup>CARNEIRO, Édison. *A Sabedoria Popular*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 46.

<sup>19</sup>CARNEIRO, Édison. *A Sabedoria Popular*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 47.

Em seguida, Carneiro apontou que nos estudos iniciais sobre o negro, destacando-se os de Nina Rodrigues, ele fora reduzido à esfera religiosa e ao folclore. E, embora tenha reconhecido a importância do legado de Arthur Ramos e do primeiro e segundo congressos afro-brasileiro, Carneiro insistiu em mostrar que havia fragilidades naquelas pesquisas, pois, para ele: “com efeito, há uma lacuna essencial nesses estudos”. “Não se encara a vida do negro de um ponto de vista dinâmico”.<sup>20</sup> Para o autor, o folclore do negro não o aprisionava no pretérito; o negro deveria ser estudado em diferentes frentes da vida cultural, social, educacional, histórica dentre outras formas, pois a sua trajetória é perpassada pela transformação.

Édison Carneiro vem de uma tradição intelectual que vê o candomblé nagô como a verdadeira representação da África, no Brasil, como algo puro, e defendeu essa postura até o fim de seus dias. Segundo ele, os principais estudos sobre o negro se concentraram na esfera de sua religiosidade e, conforme disse, nesse quesito é mais difícil encontrar aspectos de uma nacionalização. Em outras palavras, o folclore do negro era algo nascido na experiência da diáspora africana, que pelo processo de reinterpretação cultural daria origem a uma cultura ladina já nacionalizada para assim ser integrada à brasilidade. Nesse sentido, para ele, à medida que os candomblés nagôs resistiam ao contato com outras matrizes religiosas, mais difíceis seriam a sua nacionalização: “os estudos sobre o negro têm se concentrado sobre suas religiões – exatamente aquela parte da vida do negro em que ele mais resiste à sua nacionalização”.<sup>21</sup> E reforçou seu entendimento afirmando: “ora, essas religiões do negro são na verdade religiões nagôs e secundariamente jejes”.<sup>22</sup>

Para Carneiro, o folclore do negro é resultado de uma história dotada de experiências de reinterpretações culturais ocasionadas pela diáspora africana. Nesse processo de reinterpretação o folclore do negro, para ele, era fundamental para compreensão da própria história nacional:

E já são folclóricos, sem dúvida, o traje cerimonial da filha-de-santo, a “baiana”, a pulseira de balangandãs, etc, que na verdade eram vestimentas, costumes e ornatos cotidianos, que só assumiram caráter folclórico devido à situação especial em que aqui se encontraram os seus portadores.<sup>23</sup>

Esse folclore do negro não está dissociado da realidade social, ele tem uma história. Édison Carneiro, preocupado em realizar uma escrita da história dos negros por meio do folclore do negro, reconheceu que os principais movimentos de resistências negras no Brasil estavam associados às ações dos negros de Angola:

Na cidade o nagô era o ganhador, o negro de arruar, a mucama, subserviente ao senhor, enquanto o angola principalmente, era o

<sup>20</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 48.

<sup>21</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 49.

<sup>22</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 50.

<sup>23</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, pp.50-51.

revoltado, o malandro o fazedor de desordens. A esses negros devemos Palmares, parte da Balaiada, os vários quilombos que existiram no país e os motins e levantes de escravos.<sup>24</sup>

Para Carneiro, o folclore do negro, além de possuir uma história e reinterpretar a cultura, resistiu dentro de uma estrutura de opressão por fazer levantes. A história de Palmares, somada aos movimentos sociais de revoltas negras das sociedades escravistas integram o folclore do negro, conforme disse o autor. Quando estava no México, em fins dos anos (1940), Édison Carneiro escreveu *Guerra de los Palmares*, ou *Quilombo dos Palmares*. Esse episódio foi narrado pelo autor da seguinte forma, em entrevista ao *Tribuna Popular*, no ano de 1946:

Uma das principais manifestações das reações do homem negro contra a escravidão na América portuguesa foi a fuga para a selva; uma reação negativa de defesa, que em muitos casos deu origem a verdadeiras comunidades de escravos livres por sua própria determinação. Tal foi a República de Palmares famosa por sua resistência.<sup>25</sup>

A interpretação de Carneiro é enfática, pois ele protagoniza um lugar para o negro na história nacional narrada por meio do folclore. Em outra entrevista e, observando o mesmo tema a partir da concepção histórica de seu tempo, Édison Carneiro confrontou a abordagem de Zumbi como derrotado e acusado de ser um suicida: "Sebastião da Rocha Pita na História da América Portuguesa (1730), criou a lenda do suicídio de Zumbi".<sup>26</sup> Nesta mesma reportagem o folclorista, em contraposição, elaborou outra narrativa acerca de Zumbi e disse: "o Zumbi estava com mais de 20 homens e resistiu bravamente, enfrentando os paulistas. Este é o Zumbi da História. Não o que se atirou no rochedo".<sup>27</sup>

Referente à capoeira, o folclorista reconheceu um regime de perseguição, de repressão e violência instituída pelo Estado a essa prática. Segundo Carneiro, "as diversões populares oferecem grande resistência à coação".<sup>28</sup> Para o autor, essas práticas não se deixavam intimidar por seus opressores. No que se refere à história das congadas, para Carneiro, elas nasceram a partir de um contexto de reivindicação, embora o processo cultural a estivesse mascarando. O pesquisador não anulou a luta

<sup>24</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 52.

<sup>25</sup>"GUERRA DE LOS PALMARES", ÉDISON CARNEIRO. **Tribuna Popular**, 15 de dezembro de 1946. Pasta Folcloristas/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>26</sup>O VERDADEIRO ZUMBI. Édison Carneiro. **Jornal Leitura**, março de 1945. Pasta Cultura afro-brasileira/quilombos. Pasta Folclorista/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>27</sup>O VERDADEIRO ZUMBI. Édison Carneiro. **Jornal Leitura**, março de 1945. Pasta Cultura afro-brasileira/quilombos. Pasta Folclorista/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>28</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 55.

em torno dessa prática do folclore do negro e disse: “esse caráter de reivindicação da congada já está, porém, muito mascarado, diluído, e às vezes completamente esquecido”.<sup>29</sup>

Com relação à falta de conhecimento acerca do negro, Carneiro considera que “se há dificuldade, esta reside no nosso desconhecimento do negro, das suas origens, das suas lutas, das suas vicissitudes, da sua condição atual”.<sup>30</sup> Desconhecer a presença do negro na formação da brasilidade, para o autor, era anular o entendimento sobre grande parte da população nacional. Essa postura mostra o quanto havia, naquele momento em que o folclorista redigiu o seu livro, uma barreira intencionalmente imposta, que impedia o negro de ser integrado nos estudos sobre a nossa formação histórica, destacando-se o seu papel como agente ativo nesse processo.

Quanto a isso, o antropólogo Kabengele Munanga refletindo sobre o conceito de mestiçagem afirmou que ela tem uma função ideológica que silencia os conflitos étnico-raciais e promove o apagamento do negro na cultura nacional (Munanga, 2019, p. 30). A integração da cultura negra ao nacional pela via da mestiçagem não foi capaz de anular as hierarquias que se mantiveram de diferentes formas, inclusive negando ao negro, o lugar de protagonista na história nacional. A crítica do apagamento do negro na história foi tecida por Édison Carneiro.

Dentro de seu tempo, Carneiro escreveu a história do negro no Brasil observando o seu protagonismo, ainda que pela via de seus estudos de folclore. Não podemos anular a importância dessas abordagens, mas considerar que para uma época esse estudioso exerceu uma ação ambiciosa. Reconhecendo, ainda, a importância do negro na história nacional, o autor manifestou: “mas o rio corre – e um dia se misturará definitivamente a todas as águas que formam a nacionalidade brasileira”.<sup>31</sup>

## Considerações Finais

No dia 5 de dezembro de 1972, *O Estado de São Paulo* veiculou uma matéria referente ao legado de Carneiro, lamentando o seu falecimento precoce:

Édison Carneiro deixou importantes obras sobre a influência africana na cultura brasileira, assunto que ele pesquisava desde a juventude quando travou contato com os candomblés da Bahia, tema também de muitos livros que escreveu.<sup>32</sup>

A morte de Carneiro repercutiu em vários lugares, entre seus amigos, nas instituições de cultura e entre os intelectuais. Escolas de samba, como a Mangueira e

<sup>29</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 56.

<sup>30</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 59.

<sup>31</sup>CARNEIRO, Édison. **A Sabedoria Popular**. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 59.

<sup>32</sup>FOLCLORE PERDE UM BATALHADOR. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 05 de dezembro de 1972. Pasta Folcloristas/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

a Portela, decretaram luto pelo falecimento do folclorista e em todas as homenagens o legado do intelectual foi respeitado e reconhecido. Nesse mesmo ano de 1972, a Portela levou ao carnaval do Rio de Janeiro o enredo *Ilú Ayê, Ilú Ayê*<sup>33</sup>, que significa terra da liberdade em iorubá. A letra é uma referência à África como berço da humanidade e origem dos povos escravizados trazidos para o Brasil, um trabalho que fora de autoria de Édison Carneiro e outros compositores.

A questão do negro foi central nas obras desse autor; como evidenciado, o negro não era passivo, dominado, mas atuava e reagia nas estruturas dominantes. Por isso, Carneiro foi considerado uma liderança que fazia reivindicações em favor do negro. Os seus escritos, portanto, não carregam uma visão ingênua da realidade da interpretação da cultura brasileira. Seus textos intencionais tinham o objetivo de integrar o negro e a cultura dele à vida nacional, reconhecendo o valor de suas ações. Nesse sentido, em 1964, Carneiro escreveu, no livro *Ladinos e Crioulos*, o texto, *Uma pátria para o negro*, no qual demonstrava o seu desejo e aspirações como um ativista.

Desde sua juventude Carneiro esteve envolvido numa complexa rede de intelectuais; como vimos, devido à sua atuação na *Academia dos Rebeldes*<sup>34</sup>, todos eram admiradores do marxismo, o que propiciava ao autor condições de construir visões próprias em seus estudos sobre os candomblés e o folclore do negro. A chegada do folclorista nesse universo dos ritos afro-brasileiro advém de seu lugar de origem, a Bahia, território que o tornou testemunha ocular de uma dada realidade.

Carneiro via o folclore como algo vivo, dinâmico, em transformação, que ligava as gerações do pretérito e do porvir. Para ele, era através do folclore que o povo se colocava na sociedade, haja vista que, como disse, o folclore era uma forma de reivindicação. Carneiro se negava a ver o folclore como prisioneiro do passado; o próprio título de seu livro, *Dinâmica do Folclore*, reforça o seu posicionamento intelectual. O folclore estava entrelaçado a diferentes teias da vida - econômica, social e política; para ele, o folclore não era aleatório e pitoresco.

Embora o folclore estivesse conectado às diferentes estruturas sociais, ainda estava na base da pirâmide. O folclore é uma construção burguesa de um grupo interessado em demarcar as fronteiras sociais e preservar as relações de poder. Por isso, na interpretação conservadora sobre o folclore ele é passivo. Carneiro ofereceu uma visão original marxista na qual enxergava as lutas de classes no folclore, pois o povo se fazia presente na sociedade dominante, não era passivo.

Chegando ao Rio de Janeiro, em 1939, Carneiro rapidamente se envolveu com a cultura local e, desde 1947, integrou a Comissão Nacional de Folclore, legitimando-

---

<sup>33</sup>FOLCLORE PERDE UM BATALHADOR. Rio de Janeiro. **O Estado de São Paulo**. São Paulo, 05 de dezembro de 1972. Pasta Folclorista/Édison Carneiro. Biblioteca Amadeu Amaral do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, Rio de Janeiro.

<sup>34</sup>Segundo Angelo Barroso Costa, a Academia dos Rebeldes reuniu uma elite intelectual baiana, no início do século XX, com a intenção de fazer uma literatura moderna. Conforme salientou o autor, neste projeto houve uma forte valorização da cultura popular local e afro-brasileira. Ver: COSTA, Angelo Barroso. **Academia dos Rebeldes**: modernismo à moda baiana. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura de Diversidade Cultural da Universidade Federal de Feira de Santana, 2006.

se como um folclorista. Estabeleceu relação com os sambistas cariocas e, em 1962, organizou o Primeiro Congresso Nacional do Samba, quando dirigia a Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro. Nesse evento redigiu a *Carta do Samba*, na qual defendia a sua importância para cultura nacional. Foi através de seus estudos como folclorista que Carneiro fortaleceu o seu olhar para as questões do negro, integrando o folclore do negro numa ação de salvaguarda e proteção da cultura popular (Ferreira, 2020, p. 25).

O folclore do negro, para Carneiro, era uma chave para se compreender esse sujeito, na história nacional. A experiência do negro, para o autor, não se reduzia ao aspecto cultural, estendia-se ao social, histórico, econômico, entre outras frentes. Ele ainda chamou a atenção para que o folclore do negro não fosse visto como coisa do passado, mas algo dinâmico, que liga gerações ancestrais com as do presente e do futuro, estabelecendo uma temporalidade.

O folclore do negro, para o autor, tinha uma história, a que nasceu na experiência da diáspora africana; portanto, esse folclore não poderia ser compreendido fora do âmbito nacional, já que as experiências de reinterpretações culturais o tornaram brasileiro. Nesse olhar está guardado o seu projeto, um lugar para o negro na brasilidade. Por ter nascido dentro de um complexo processo histórico de interpretação e reinterpretação, o contato com diferentes culturas tornava o folclore do negro político. Sem essa tomada de conhecimento não seria possível para Carneiro entender a história nacional, já que o negro reagira.

O protagonismo negro estava nos levantes da época da escravidão- Palmares, a Balaiada e os quilombos-, mas também na própria vitalidade do folclore. Dentro de uma sociedade marcada pela opressão, o folclore do negro resistiu e não se acomodou, assim como aconteceu em relação à capoeira de Angola. Essa prática, embora perseguida pela polícia, ainda que usada como uma diversão, resistiu a todas as formas de coação. Por fim, as congadas surgiram como forma de reivindicação; concebida como folclore do negro, essa prática se reveste de capacidade para lutar, não é dominada. Esse protagonismo no folclore do negro, segundo Carneiro, estava em seu potencial para criar estratégias e enfrentar o sistema dominante.

Por fim, este artigo traz à tona as contribuições de Édison Carneiro para a história do pensamento social brasileiro e dos estudos sobre o protagonismo negro na história nacional. Muitas são as perguntas a se levantar, daqui por diante, sobre suas obras que não podem ser vistas como singulares. Carneiro ainda não foi estudado como merece, pois, as suas abordagens intelectuais antecederam às críticas de autores contemporâneos, como Lélia Gonzalez ou Kabengele Munanga. O que está em jogo para esses autores é denunciar o racismo e reconhecer a história do negro por suas ações e lutas. Antes mesmo da lei 10.639/03, que propõe reescrever a história do negro no Brasil, Carneiro, em seus tempos de atuação, já havia protagonizado através do folclore do negro um lugar para este na brasilidade.

## Referências

- ANDRADE, Mário. **Aspectos do Folclore Brasileiro**. São Paulo: Global, 2019.
- CARNEIRO, Édison. Uma pátria para o negro. In: **Ladinos e Crioulos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964, pp. 01-06.
- CORRÊA, Marisa. **Os traficantes do excêntrico**: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60, Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.º. 06, vol. 3, p. 79-98, 1988.
- COSTA, Angelo Barroso. **Academia dos Rebeldes**: modernismo à moda baiana. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Literatura de Diversidade Cultural da Universidade Federal de Feira de Santana, 2006.
- FRY, Peter. Apresentação. In: ANDRESON, J. L. **Ruth Landes e A cidade das mulheres**: uma releitura da antropologia do candomblé [online]. Salvador: EDUFBA, 2019, pp. 25-26.
- FERREIRA, Elaine Cristina Ventura. Folclore e Museu: **A cultura negra no imaginário de um projeto nacional mestiço brasileiro (1947-1982)**. Instituto de Ciências Humanas e Sociais Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. (Tese). Doutorado em História, 2020.
- GONÇALVES, Vagner Silva da. Construção e legitimação de um campo do saber acadêmico (1900 – 1960). **REVISTA USP**, São Paulo, n.55, p. 82-111, setembro/novembro 2002.
- GONZALEZ, Lélia. **Festas Populares no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2024.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude Usos e Sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- NASCIMENTO, Ana Carolina Carvalho de Almeida. **O sexto sentido do pesquisador**: A Experiência Etnográfica de Édison Carneiro. 2010. n.p. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.
- OLIVEIRA, Waldir Freitas. LIMA, Vivaldo da Costa. Estudos africanistas na Bahia dos anos 30. In: **Cartas de Édison Carneiro para Arthur Ramos**. São Paulo: Corrupio, 1987.
- ROSSI, Luiz Gustavo Freitas. **O intelectual “feiticeiro”**: Édison Carneiro e o campo de estudos das relações raciais no Brasil. 2011. n.p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) –Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

Recebido em 06/02/2025

Aceito em 30/06/2025